

LIMITAÇÕES PARA A APRENDIZAGEM: VULNERABILIDADES EVIDENCIADAS POR PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

MIRANDA, L.H. M.[1]; FERREIRA, P. V.[2]; SILVA, D. A.[3]

[1] Universidade Paulista (Unip) lucianemmiranda@gmail.com

[2]Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) prpatrickvf@gmail.com

[3]Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) antunes.dilma@unifesp.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar aspectos relacionados às limitações para a aprendizagem, a partir das narrativas de diferentes profissionais da educação básica atuantes na rede estadual de São Paulo. Este tema está relacionado às vulnerabilidades que se revelam no ambiente escolar e que foram evidenciadas durante o período pandêmico mais acentuado (2020 e 2021). O método utilizado para produção dos dados foi a realização de Grupos de discussão com 40 profissionais da educação. As reuniões foram realizadas pela plataforma *Zoom Meeting*. Todos os participantes autorizaram a gravação de sua imagem e voz, bem como autorizaram o uso de seus depoimentos, que mais tarde foram transcritos e analisados à luz da Análise de Prosa. Os resultados apontam que as limitações para a aprendizagem se apresentaram entrecruzadas a diversos fatores e sob formas distintas, entendidas como entraves enfrentados pelos docentes durante o ensino remoto, a fim de garantir a continuidade dos processos de ensino. Evidenciou, também, as dificuldades dos docentes e as estratégias utilizadas para enfrentar as adversidades encontradas durante o ensino remoto e, posteriormente, o retorno ao presencial.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem; Vulnerabilidades; Escolas Paulistas; Pandemia.

INTRODUÇÃO

Esta investigação é parte integrante da pesquisa-mãe desenvolvida pelo CEPId, intitulada Desafios da escola na atualidade: qual é a escola para o século XXI? – uma pesquisa com diversos atores no estado de São Paulo. Nesta etapa, o eixo Vulnerabilidades focou nos desafios apontados pelos sujeitos quanto às limitações para a aprendizagem, tendo como objetivo identificar aspectos relacionados às citadas limitações, a partir das narrativas de diferentes profissionais da educação básica atuantes na rede estadual de São Paulo, levando em consideração as transformações do contexto educacional, em decorrência da pandemia da Covid-19, a partir do ano de 2020, e suas repercussões sociais, econômicas e psicológicas, que criaram uma nova realidade para o exercício da profissão docente com aporte teórico de Guizzo, Marcello e Müller (2020), Gonçalves e Guimarães (2020) e Miranda et al (2022).

METODOLOGIA

O método utilizado para produção dos dados foi a realização de Grupos de discussão com 40 profissionais da educação básica da rede estadual de São Paulo, que incluem: Professores, Diretores, Professores Coordenadores de Núcleo Pedagógico, Professores Coordenadores Pedagógicos, Supervisores e Dirigentes de Ensino. As reuniões foram realizadas pela plataforma *Zoom Meeting*. Todos os participantes autorizaram a gravação de sua imagem e voz, bem como autorizaram o uso de seus depoimentos, que mais tarde foram transcritos e analisados à luz da Análise de Prosa, de André (1983).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No contexto da pandemia, o isolamento social foi a melhor forma de prevenção, consequentemente, o direito a frequentar a escola é colocado em segundo plano, valorizando outro direito que é a preservação da vida. Então, a escola toma novos espaços e a implementação do ensino remoto, com a intenção de manter as famílias em casa, traz práticas cotidianas, ações e rotinas de atividades criativamente inventadas (GUIZZO; MARCELLO; MÜLLER, 2020), porém para a manutenção destas atuações certas desigualdades e dificuldades são evidenciadas.

As limitações para a aprendizagem evidenciam as dificuldades dos docentes e as estratégias utilizadas para superar os desafios identificados durante o ensino remoto. Os temas que surgiram durante as entrevistas foram: dificuldades de acesso à tecnologia e novas metodologias; educação inclusiva; questões relacionadas ao comportamento como, baixo interesse, apatia, raiva contida e motivação.

Nota-se que as limitações para a aprendizagem são os entraves enfrentados pelos docentes durante o ensino remoto a fim de atender os estudantes, familiares e a escola para que o processo de ensino-aprendizagem fosse estabelecido. Para Gonçalves e Guimarães (2020) as mudanças nas condições de trabalho do professor e o acesso dos alunos a ferramentas digitais foram desafiadoras para o trabalhador docente. A seguir, alguns excertos que ilustram essa proposição:

> *Nós temos muitas dificuldades, tentamos superá-las, [...] [têm] professores com uma dificuldade imensa de acesso, professores que não têm, digamos assim, conhecimento básico [...] E a gente sabe que é uma necessidade, digamos assim, uma necessidade urgente. Comecei a acessar EFAPE, e a procurar cursos online; comecei a fazer, mas como eu disse, mesmo fazendo um monte de curso, digitando muita coisa, nunca aprendi a digitar, bem complicado para mim.* (Professor G.).

> *E eu estou vendo, assim, um desinteresse e uma dificuldade nossa também de incentivar eles (alunos). Porque para nós professores também, a gente faz o possível e você vê que a minoria pega o que você passou. Então essa é a dificuldade que eu sinto agora, [...] nesse período de pandemia, essa é a dificuldade que eu estou vendo.* (Professora V.).

Uma professora analisando o quanto a crise pandêmica e adoção emergencial do ensino remoto impactou nos modos de vida e aprendizagem dos alunos, assim afirma: "*o ensino remoto é complicado para esse aluno que não tem acesso* e *[...] os meus alunos, não têm acesso nenhum à tecnologia"* (Professora S.). Na continuidade tem-se o depoimento da professora M.: *[...] são famílias que o pai está desempregado, que o alimento daquele dia, o pão de cada dia está difícil, porque o aluguel está vencendo. Então, quer dizer, isso acaba revertendo na própria criança também*.

Diante do exposto, podemos inferir, a despeito das políticas educacionais propostas para responder às questões do estado pandêmico, que os impactos decorrentes deste período sentidos por profissionais e estudantes, principalmente aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade, refletem suas condições de vida (MIRANDA et al., 2022). Observa-se, além das questões de acesso à tecnologia, outras relacionadas à própria dinâmica da vida das famílias, às condições materiais em que esses estudantes vivem, pois nem todos possuíam as ferramentas necessárias para acompanhar aulas remotas, assim como, aspectos relacionados ao seu bem-estar subjetivo. Houve impacto ainda na forma como o trabalho docente se realiza, com diferentes desdobramentos em relação às condições de trabalho, questões socioemocionais entre outros, como nos lembram Guizzo, Marcello e Müller (2020), "a educação não pode parar" - máxima e tomou proporções grandiosas durante o isolamento social por Covid-19 - além de submeter docentes e discentes à intensificação do uso dos computadores e da internet, não respeitou suas diferentes características e singularidades.

Assim, pode-se dizer que o período de pandemia dificultou o apoio pedagógico e emocional que os professores ofereciam aos alunos e, em muitas realidades, temas específicos da adolescência foram pouco ou quase nada considerados no planejamento pedagógico.

As falas dos docentes corroboram a dificuldade que os alunos tiveram para organizar suas tarefas e o seu cotidiano, além de sofrerem com situações que antes eram divididas com os profissionais da escola:

> *[...] antes, na prática, no dia a dia, eu tinha, muitos (alunos) me procuravam relatando violência, por exemplo, sexual, isso não acontece, entendeu? Isso eu acho que é um problema, não é que deixou de acontecer, muito pelo contrário, todo mundo tem falado que tem aumentado. Mas eles não têm como chegar na gente, então eu acho que isso é complicado também, essa questão só do ensino virtual, não é? Porque a gente, eles não têm como chegar muito e contar coisas sérias para a gente (Professora A. F.).*

O tempo foi passando e as dificuldades de aprendizagem na modalidade remota se revelavam cada vez mais desafiadoras:

> *[...] motivar esses alunos, aliar o conteúdo determinado que eles têm que aprender e fazer com que a escola seja um lugar agradável, que ele se sinta bem. Que ele se sinta motivado a aprender, a gostar de aprender […] mas eu não vejo, assim, esses alunos motivados, querer aprender, parece que eles não têm essa sede, essa sede por informações para construir o conhecimento (Professora S.).*

> *[...] eu converso muito com eles pelo WhatsApp, [...] eu acesso várias aulas pelo Youtube, seleciono aquelas [...] que estão melhores, mais bem preparadas, e encaminho. Preparo atividades em cima desses vídeos para que eles tenham que assistir mesmo (Professora A. F.).*

Alterações na rotina doméstica, intensificação de cuidados com a saúde; perdas e lutos vivenciados; rupturas devido ao distanciamento imposto pela pandemia, assim como o medo de retornar presencialmente às atividades escolares, indicam aspectos importantes da dimensão emocional tanto dos profissionais da educação, quanto dos estudantes.

Os excertos a seguir remetem ao contexto de retomada gradual do ensino na rede estadual e revelam algumas percepções de professores sobre o comportamento dos alunos.

> *Eles ficaram mais frios até porque a pandemia não permite proximidade. Eles não estão mais, parece, acostumados com o professor ali. Parece que eles se veem agitados com vontade de chegar ao intervalo para poder ficar mais próximo do coleguinha para poder conversar ou para mexer no celular. (Professora M.).*

> *[...] no centro de mídias [os alunos] são uma coisa, é beijinho, coraçãozinho e quando eles chegam no presencial só falta jogar o caderno no professor [...] eles começaram a ter uma realidade diferente [...]. E isso está começando a mexer com a cabeça deles (*Professor A.).

A mudança abrupta do modo que se conhecia a educação por conta da pandemia, e a substituição às pressas para o ambiente on-line e todos os aparatos tecnológicos, modificaram as escolas, as salas de aulas, por muito tempo e consequentemente, os alunos e o processo de ensino-aprendizagem também foram afetados. Com a possibilidade do retorno presencial, fez-se

necessário garantir novos subsídios para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, além da necessidade de garantir maior suporte aos professores. Desse cenário, resistências emergem:

> *[...] antigamente a gente não fazia assim. Isso complica muito, porque, às vezes, a gente quer trazer ações inovadoras e, assim, eles fazem, mas, assim, a contragosto, não tem uma facilidade para entendimento das ações que precisam ser feitas* (Coordenadora M.).

> *Eu sinto que alguns (professores) são um pouco engessados com relação apenas à aula expositiva. Eles não gostam muito de inovar. Então, a questão das metodologias ativas eu estou tendo que trabalhar muito porque eles relutam um pouco, não gostam de tentar procedimentos metodológicos diferenciados. Então, eu fico a todo momento chamando, perguntando o que está acontecendo, verificando se a aula está sendo só expositiva e cansativa, os alunos reclamam. Então, nós temos professores aqui que a aula é apenas na lousa* (Coordenadora M.).

A experiência educacional durante a pandemia exigiu dos profissionais da escola refletir sobre a nova realidade da escola e questionar a forma como as instituições educacionais estavam possibilitando que outras metodologias fossem adotadas.

> *Eles estão querendo sempre falar a respeito de ensino híbrido [...] para muito professor, o ensino híbrido é assim: eu mando para você um texto, você vai ler tá, querido? [...] o que você achou do texto?" [...] Ai que lindo, olha que beleza [...]". Está fazendo ensino híbrido em casa.* (Coordenador A.).

> *[...] não é porque eu estou dando aula online, eu estou trabalhando de forma remota, que eu estou usando metodologias ativas, por exemplo. Porque eu posso simplesmente fazer uma aula expositiva. Pronto, fiquei lá 40 minutos, 45 minutos explicando a matéria e ninguém interagiu. E não significa também que eu fiz uma aula expositiva, que eu desenvolvi uma aula expositiva e que aquela aula não teve interação.* (Coordenadora E.).

Decorrente da experiência vivida no contexto da pandemia, com a adoção da modalidade de ensino remoto e, posteriormente, ensino híbrido, fez-se necessário repensar a escola e seus modelos tradicionais de ensino-aprendizagem. Oportunidades desvelam-se a partir da inserção de metodologias ativas de aprendizagem, reivindicando práticas mais contextualizadas e com maior interação entre professores e alunos e, portanto, mais estimulantes em relação ao desenvolvimento de habilidades e competências.

Por fim, vale lembrar que o incremento de possibilidades de atuação profissional nesse cenário tecnológico tem como exigência revisitar a formação docente e suas condições de trabalho, assim como, as políticas educacionais (MIRANDA et al., 2022), uma vez que elas definem e fundamentam processos e práticas educacionais, que têm como centralidade o desenvolvimento pleno do estudante e seu preparo a usufruir de direitos e deveres sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. In: **Cadernos de pesquisa**, n. 45, p. 66-71, maio 1983.

GONÇALVES, G. B. B.; GUIMARÃES, J. M. M. Aulas remotas, escolas vazias. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 772-787, set./dez. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>. Acesso em: 22 abril de 2022.

GUIZZO, B. S.; MARCELLO, F. A.; MÜLLER, F. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, e238077, 2020. p. 02-18. Disponível em: <https://bityli.com/khHkHBvq>. Acesso em: 22 abril de 2022.

MIRANDA, L. H. M. et al. Desafios e utopias nas escolas públicas paulistas: um (re)olhar sobre o descritor “desigualdade socioeconômica”. **Humanidades & Tecnologia** (FINOM). vol. 33, jan. /mar. 2020. Disponível em: <http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/2161/1504>. DOI: doi.org/10.47247/1809.1628.33.43. Acesso em: 20 out. 2022.